

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

ANDRESSA RAQUEL SILVA ROMÃO MACIEL

**A Comunicação como Encruzilhada: Os podcasts como
ferramentas de resistência frente ao Estado de Maafa.**

São Paulo

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

A comunicação como encruzilhada: os podcasts como ferramentas de resistência frente ao Estado de Maafa

Andressa Raquel Silva Romão Maciel

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais.

Orientadora: Profa. Máira Moreira

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Ancestralidade por me permitir experienciar a vida no Aiyê, por generosamente colocar ao meu lado pessoas que amo, admiro e que acreditam em meu potencial, dentro e fora da academia. As águas de Mãe Obá e das Yabás representadas pelas mulheres de minha família, me fizeram profunda e é por essa coragem, amor e força que compartilho aqui parte do que sinto e do que sou. Carinhosamente ofereço esse transbordamento à minha pequena pedra preciosa, Ágatha Ifayemi e meu companheiro Pedro com quem compartilho a vida e renasci no materno, à minha Mãe e amiga na construção da vida orgânica, da maternidade e vida acadêmica (Marilene, presente de Mãe Opará), ao meu pai e meu irmão (presença viva de Ogum em meu viver) e à Profª e mentora Maíra, que me enxergou e possibilitou que eu também o fizesse. As palhas são sábias e encontraram um jeito de me proporcionar curas profundas. Atotô!

A COMUNICAÇÃO COMO ENCRUZILHADA: OS PODCASTS COMO TECNOLOGIA DE RESISTÊNCIA FRENTE AO ESTADO DE MAAFA ¹

Andressa Raquel Silva Romão Maciel²

Resumo: Investigando o Estado de Maafa e seus desdobramentos até os dias atuais, é proposta a discussão sobre a importância da oralidade enquanto tecnologia ancestral de resistência, continuidade e partilha de saberes intergeracionais, sobretudo entre a comunidade negra e de religiosidades de matrizes africanas. A partir da análise do papel das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's em meios digitais e do cenário contemporâneo de desigualdades acentuadas pela globalização, segundo Milton Santos, o formato de podcast será colocado como uma possibilidade de registro e documento oral da memória negra. Destaca-se o Podcast com Vovó Cici: Memórias da Cultura Afrodiaspórica para pensar os limites e possibilidades de tais conteúdos produzidos por e para pessoas pretas, refletindo sobre novos futuros possíveis, transformação social e cultural.

Palavras-chave: Podcast. Estado de Maafa. TIC's. Globalização.

Abstract: Investigating the State of Maafa and its developments to the present day, a discussion is proposed on the importance of orality as an ancestral technology of resistance, continuity and sharing of intergenerational knowledge, especially among the black community and religions of African matrices. From the analysis of the role of Information and Communication Technologies (ICTs) in digital media and the contemporary scenario of inequalities accentuated by globalization, according to Milton Santos, the podcast format will be placed as a possibility for recording and oral documenting black memory. The Podcast with Vovó Cici: Memories of Afrodiasporic Culture is highlighted to think about the limits and possibilities of such content produced by and for black people, reflecting on new possible futures, social and cultural transformation.

Key words: Podcast. State of Maafa. ICT. Globalization.

Resumen: Al investigar el Estado de Maafa y sus desarrollos hasta la actualidad, se propone una discusión sobre la importancia de la oralidad como tecnología ancestral de resistencia, continuidad e intercambio de conocimientos intergeneracionales, especialmente entre la comunidad negra y las religiones de origen africano. A partir del análisis del papel de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TICs) en los medios digitales y del escenario contemporáneo de desigualdades acentuadas por la globalización, según Milton Santos, se presentará el formato podcast como posibilidad de registro y documentación oral de la memoria negra. El Podcast con

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais.

² Pós-graduando em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais, formada em tecnologia em produção audiovisual pela Anhanguera Educacional.

Vovó Cici: Memorias de la Cultura Afrodiaspórica se destaca para pensar en los límites y posibilidades de ese contenido producido por y para negros, reflexionando sobre nuevos futuros posibles, transformación social y cultural.

Palabras clave: Podcast. Estado de Maafa. TIC. Globalización.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da construção histórica das possibilidades de comunicação, sobretudo no pós pseudo abolição do Brasil, o ato de comunicar-se se tornou um desafio e uma encruzilhada, sobretudo para os grupos socialmente marginalizados, sub-representados e economicamente vulneráveis, pessoas negras, originárias, lgbtqiap+, povos de religiosidades de matrizes africanas, idosos, dentre outros.

O advento da globalização e a expansão das ferramentas, serviços e soluções tecnológicas trouxe possibilidades nunca antes vistas, porém para grupos privilegiados social e economicamente. Desta forma a tecnologia que devia ser uma ferramenta para viabilizar direitos e bem-viver de forma universal, se transformou em uma fabulação da realidade a partir do mito do acesso e uma materialização do fenômeno que Milton Santos, importante geógrafo e intelectual negro chama de globalização como perversidade, que leva a sociedade ao globalitarismo (imposição ao movimento de globalização) e manutenção do capitalismo e desigualdades.

As redes sociais e as mídias digitais possibilitaram uma disputa de narrativas a partir de novas perspectivas e experiências compartilhadas em comunidade, podendo gerar maior identificação se comparado ao processo caricato e estigmatizado que por décadas representou, por exemplo, pessoas negras de forma discriminatória, racista e objetificada. O movimento negro, as mulheres negras, os povos de terreiro e outros grupos puderam expandir os diálogos e articulações que sempre fizeram em seus territórios, também para as redes, como Instagram, Tik Tok, Twitter (o atual X), atribuindo maior velocidade no compartilhamento das informações. Tais discussões também vem acontecendo via podcasts feitos por e para pessoas negras, um gênero que faz rememorar o rádio, mas é livre demanda e via plataformas de streaming que dão mais liberdade de acesso.

Segundo Aza Njeri a população negra continental e em diáspora fora de África, vive em um estado de infortúnio coletivo, atravessamentos que se iniciaram com a invasão, sequestro, travessia em navios negreiros no Atlântico, leilão e venda de seus corpos desumanizados e se refina até os dias atuais com o racismo e seus diversos tentáculos, genocídio da população negra, encarceramento em massa e ações que contribuem para uma política legitimada de morte física e simbólica do corpo e da subjetividade da população preta. A esse conjunto de infortúnios que alteraram a forma como a população negra experiencia o mundo, Aza Njeri dá o nome de Estado

de Maafa. O termo Maafa vem dos estudos da antropóloga e professora norte-americana Marimba Ani (1994).

O presente estudo tem o objetivo de fazer um cruze, analisando o contexto das desigualdades acentuadas pela globalização perversa e como os podcasts produzidos por e para pessoas pretas, sendo um receptáculo, uma cabaça de armazenamento de memórias, saberes e experiências desses pluripovos pode ser uma ferramenta de resistência frente ao estado de Maafa e como o viver e compartilhar narrativas em comunidade pode acender o sol interior de cada indivíduo (Filosofia Bacongo), possibilitando a projeção de novos futuros possíveis e uma outra globalização, descentralizada das hegemonias.

2. O papel da Tecnologia na Contemporaneidade, as TIC's e a desigualdade

A tecnologia vem transformando a maneira como as pessoas de diversos recortes étnico-raciais, gêneros, gerações, classes sociais e territórios se comunicam e se relacionam, tornando a hiperconectividade um traço marcante na sociedade contemporânea que constantemente acessa e produz informações, dados e saberes, porém de forma heterogênea.

O termo hiperconectividade foi cunhado inicialmente para descrever o estado de disponibilidade dos indivíduos para se comunicar a qualquer momento. (...) Há, nesse contexto, um fluxo contínuo de informações e massiva produção de dados. Quanto maior o número de dispositivos conectados, mais dados são produzidos (Magrani, p. 192, 2018).

O acesso e a apropriação às Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's que agrupam o conjunto de tecnologias que utilizam ferramentas digitais e dispositivos para conectar pessoas a redes sociais e aplicativos, utilizando a internet é comprometido pelos atravessamentos da desigualdade social. Tais dispositivos como smartphones, notebooks, tablets, relógios inteligentes, dentre outros, possuem funcionalidades cada vez mais abrangentes e promovem a interação e a troca de

experiências entre as pessoas (que possuem acesso a eles) e suas comunidades, conseqüentemente, a manutenção da hiperconectividade.

As imagens de controle construídas no decorrer da história, criaram o recurso imagético e psicológico que insere os grupos, sejam eles pessoas negras, pessoas brancas e/ou povos originários, segundo Patrícia Hill Collins, em um lugar estereotipado e pré concebido que não necessariamente é o lugar que o sujeito gostaria de ocupar - ou é, caso esse sujeito seja detentor de privilégios - mas é onde está inserido. Essas imagens e matrizes de opressão são ressaltadas pela interseccionalidade, que coloca, por exemplo, o útero e o feminino, ou seja, o ser mulher no aspecto biológico, mas também identitário (corpos trans) como fator legitimador da violência que atravessa esses corpos, sobretudo os corpos negros.

O conceito de Interseccionalidade, cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, surge em 1978 a partir da crítica feminista negra em relação às leis antidiscriminação e do entendimento de que o feminismo (branco) e o movimento antirracista não contemplavam as mulheres negras, por não reconhecerem com profundidade seus atravessamentos e opressões. Entendendo que não é possível dissociar o capitalismo, o racismo estrutural e o cisheteropatriarcado, a interseccionalidade tem o objetivo de dar instrumentalidade teórico-metodológica ao entendimento das opressões às quais esses corpos políticos são atravessados, logo as opressões sobrepostas potencializam as desigualdades e o distanciamento do indivíduo de seus direitos fundamentais, inclusive do direito à vida.

A mulher negra está na base da pirâmide social, faz parte de uma minoria social soterrada por diversos fatores que somente podem ser compreendidos quando combinados e é essa combinação que potencializa a posição marginalizada que ela ocupa.

A chegada das redes sociais possibilitou um cenário de disputa de narrativas, trazendo maior pluralidade e a descentralização das grandes mídias, ainda influentes - como a televisão - mas com menor força frente o protagonismo dos indivíduos, que podem construir sua narrativa com mais autonomia, a partir do sentir e do experimentar individual, refletindo, por vezes, também sentimentos e narrativas coletivas. Esse movimento de narrativas mais plurais e diversas, tem maior potencial para gerar identificação e conexão entre as pessoas. Possibilitar que a conectividade seja um direito efetivo também para os grupos estigmatizados e excluídos economicamente

que não acessam com plenitude as tecnologias e suas possibilidades é ampliar ainda mais o horizonte de narrativas plurais.

Os gêneros midiáticos mais populares atualmente trazem uma diversidade de linguagens, dos microtextos com cada vez menos caracteres, como no Twitter, atual X, vídeos de curta duração como no Tik Tok, e nos reels e stories do Instagram, atualizações de status com pequenos textos e imagens no WhatsApp, aos podcasts, conteúdos que no geral, possuem maior duração e que disputam as narrativas e o espaço de maneira crescente. Tal diversidade de formatos e formas de se comunicar é também reflexo de uma sociedade que se transformou comportamentalmente, que intercala o uso da internet entre o entretenimento, o trabalho, os estudos em um cenário midiático brasileiro que possibilitou acesso mais amplo, inclusive pelas classes sociais mais baixas. O avanço quantitativo no que tange ao acesso à internet, ocorreu, sobretudo, por conta dos pacotes de dados com valores mais acessíveis e inclusos como benefícios na compra de aparelhos diretamente vendidos por lojas autorizadas de operadoras telefônicas. Nesse contexto, é importante ressaltar o “mito do acesso” (Magrani, 2018) já que enquanto parte da sociedade experiencia os efeitos da hiperconectividade de forma integral ou parcial, a outra não possui nem mesmo acesso à internet, sendo excluída e alienada do processo de inclusão digital.

[...] a Organização dos Estados Americanos (OEA) defende o acesso à internet como um direito humano à medida que pode assegurar outros direitos, como educação, saúde, associação, trabalho etc. A disponibilidade de conexão e uso das TIC se mostrou fundamental durante a pandemia da Covid-19. Estar desconectado restringiu a possibilidade de obter renda, inclusive o auxílio emergencial pago pelo governo federal. Limitou também o acesso à educação e saúde, área na qual as ações governamentais, sobretudo em relação ao novo coronavírus, foram majoritariamente digitais (Lopes, Cardoso, p. 2, 2021).

É importante destacar que falar sobre a apropriação das tecnologias de informação e comunicação, envolve não somente possuir um dispositivo, seja ele um celular, tablet ou notebook, mas também o acesso à internet propriamente dito e as habilidades para a leitura, assimilação e produção de conteúdos. A essa habilidade de entender e utilizar a informação de múltiplos formatos e proveniente de diversas fontes quando apresentada por meio de computadores Gilster (1997) dá o nome de literacia digital.

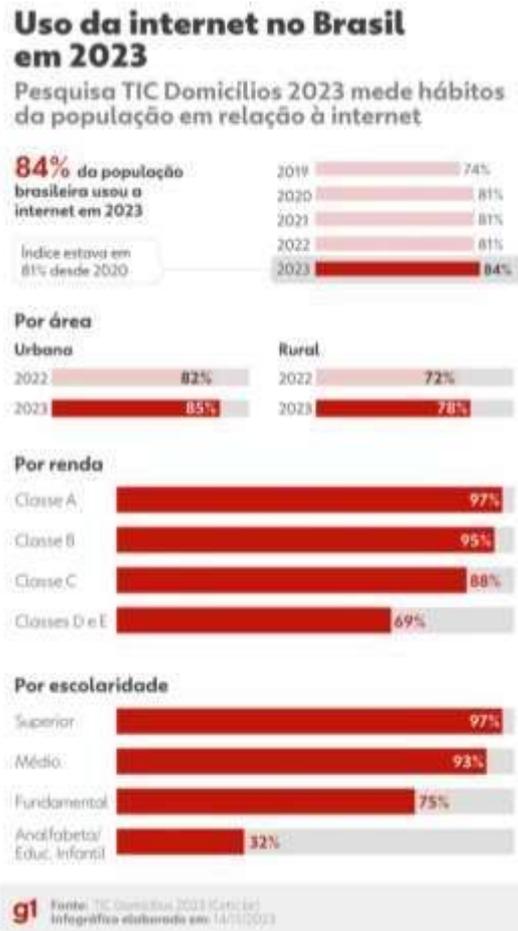
Dados da pesquisa TIC Domicílios 2021 sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros indicam que:

Apesar do aumento da conectividade nos domicílios e entre os indivíduos, os resultados apontam desigualdades nesse acesso: por um lado, ele é praticamente universal entre os usuários com maior renda e mais escolarizados, que também realizam atividades pela Internet em maiores proporções. Por outro lado, ainda que o acesso tenha avançado entre usuários com menor renda e menos escolarizados, tais estratos ainda fazem um uso mais limitado da rede, em geral por meio de um único dispositivo (telefone celular) e conectado a um único tipo de conexão (rede móvel ou Wi-Fi) (Cetic.br, p. 25, 2021)

Realizada anualmente desde 2005, a pesquisa TIC Domicílios do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) mapeia o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação em domicílios urbanos e rurais do país e como tais tecnologias são utilizadas por indivíduos com 10 anos ou mais. Com apoio institucional do Ministério da Ciência, Tecnologia e Comunicações (MCTIC), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a pesquisa gera indicadores de acordo com diversas áreas de investigação, tais como: acesso às TIC's, uso do computador, uso da internet, habilidades de internet, uso do celular, atividades culturais na internet, dentre outros. Em sua edição de 2022, ressaltou que no ano vigente:

[...] cerca de 60 milhões de domicílios (80%) possuíam acesso à Internet. [...] 71% dos domicílios possuíam banda larga fixa como principal tipo de conexão, e as conexões por cabo ou fibra ótica (62%) foram o tipo mais citado. [...] Cerca de 149 milhões de indivíduos com 10 anos ou mais (81%) eram usuários de Internet. [...] O telefone celular seguiu sendo o dispositivo mais utilizado pelos usuários de Internet brasileiros para acessar a rede (99%), seguido pela televisão (55%) (Cetic.br, p. 25, 2022).

Embora nos últimos anos os indicadores apontem para avanços na promoção do acesso à internet e inclusão digital no Brasil, o cenário ainda é caracterizado pela precariedade. É necessário ir mais fundo na interpretação das pesquisas para entender que há nos números expressivos e otimistas também muitos atravessamentos sociais, relacionados à falta de condições materiais dos usuários e da criação de políticas efetivas de inclusão digital dos grupos sub-representados e economicamente vulneráveis. Analisando o infográfico abaixo é possível entender quem são as pessoas mais conectadas.



Fonte: TIC Domicílios 2023 (Cetic.br)

Benkler conceitua os usuários de Internet como os “participantes da produção do ambiente informacional” (Benkler, 2020, p. 562). Dessa forma, elucida a diferença entre os usuários de Internet e as pessoas que são apenas consumidoras passivas da mídia tradicional. Há pessoas que se enquadram na definição de usuários de internet que Benkler propõe, em contrapartida, há aquelas que por estarem excluídas da participação ativa no ambiente informacional possuem, deste modo, um acesso mais precário à Internet. A precariedade está associada à falta de condições materiais para alcançar equidade e codependência na governança da Internet (Rocillo, p. 121, 2022).

3. A Globalização do lado de cá: As novas tecnologias e a sua socialização nas classes trabalhadoras.

Milton Santos é, pois, sua obra o faz permanecer, mesmo não estando mais neste plano em corpo físico, um pensador visionário de futuros possíveis a partir da análise do presente e do passado. Em sua obra "Por uma outra Globalização" de 2001, fala sobre a ambiguidade e a confusão entre a imagem e os imaginários construídos a partir da Globalização. Quão fantasioso é achar que a velocidade de informações é acompanhada de maneira homogênea por toda população? Quão perverso é constatar que há disparidades que se acentuam à medida que o progresso tecnológico se intensifica, deixando para trás quem no mesmo ritmo não caminha? Progresso para quem? Quão conveniente é para os detentores dos privilégios acentuar tal abismo e isolar as pessoas que historicamente estão marginalizadas e à margem da sociedade e da possibilidade de cidadania plena?

Entender o mundo de fabulações às quais os indivíduos estão expostos é constatar que há ao menos três mundos em um só:

O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização (Santos, p. 18, 2001).

Na contemporaneidade o capitalismo se impõe violentamente e o crescimento tecnológico é inversamente proporcional às possibilidades de se promover igualdade social, logo o capitalismo é nutrido pela manutenção das desigualdades, pela manutenção da pobreza. Todas as relações sociais estão atravessadas pelas relações de produção em uma espécie de encruzilhada, onde ao mesmo tempo em que a tecnologia é o caminho para a evolução em segmentos fundamentais para a sociedade como a medicina, ciência e cultura, por exemplo, é também uma forma de exploração dos grupos socialmente vulneráveis e pobres e de continuidade da concentração de capital nas mãos de uma parcela bem mais seleta da população. Essa lógica transborda para as mídias digitais, em que os grandes empresários monopolizam seus segmentos, como acontece com a Meta, Amazon, X e também diversificam seus investimentos para outros setores, fortemente influenciados pela extrema direita mundial organizada. É nesse contexto que se repete a ambiguidade da globalização e das TIC's, que embora possam dar a sensação de respiro do processo de imersão forçada na desigualdade, também cercam e conduzem as pessoas à uma ditadura dos dados, os chamados Big Data, com controle e vigilância comportamental constantes.

A vigilância digital está relacionada ao ato de vigiar as condutas dos indivíduos nos ambientes digitais (redes sociais, sites, aplicativos e outras plataformas conectadas à internet). Grande parte da vigilância digital é viabilizada por meio da coleta dos chamados rastros digitais, informações que deixamos para trás ao clicarmos em um anúncio publicitário ou quando fazemos um cadastro para ter acesso a alguma plataforma online, por exemplo [...] Espalhados por cerca de 440 milhões de dispositivos digitais em uso no Brasil, os dados são usados para mapear hábitos de consumo com o objetivo de desenvolver produtos mais atrativos para os públicos-alvo das empresas. De forma análoga, o poder público também mantém vigilância constante sobre os cidadãos por meio do processamento de dados pessoais que circulam na internet. Porém, em vez de objetivar formas de aumentar suas receitas como as empresas, utiliza os dados para viabilizar ações como distribuição de benefícios sociais, elaboração de políticas públicas e investigações policiais (LAUT, p. 6, 2022).

A globalização é um período de crise permanente (Santos, 2001), frente aos ao processo de manutenção da hegemonia das potências econômicas e conseqüentemente, tecnológicas, que são detentoras do capital e meios de produção para o desenvolvimento e utilização das tecnologias de maneira integral. Logo, as buscas por soluções e uma outra globalização não virá das potências e sim dos países subdesenvolvidos.

Na Ásia, na África e mesmo na América Latina, a vida local se manifesta ao mesmo tempo como uma resposta e uma reação a essa globalização. Não podendo essas populações majoritárias consumir o Ocidente globalizado em suas formas puras (financeira, econômica e cultural), as respectivas áreas acabam por ser os lugares onde a globalização é relativizada ou recusada. Uma coisa parece certa: as mudanças a serem introduzidas, no sentido de alcançarmos uma outra globalização, não virão do centro do sistema, como em outras fases de ruptura na margem de capitalismo. As mudanças sairão dos países subdesenvolvidos. [...] uma globalização constituída de baixo para cima, em que a busca de classificação entre potências deixe de ser uma meta, poderá permitir que preocupações de ordem social, cultural e moral possam prevalecer (Santos, p. 153, 2001).

"Nós por nós", "nada de nós sem nós", "vidas negras importam", alguns dizeres que se transformaram em hashtags, termos ou expressões precedidos do símbolo cerquilha (#) e que direcionam os usuários para uma seleção de publicações de mesma discussão ou tema nas redes sociais. Pautas como os saberes, vivências, comportamentos e subjetividades de pessoas pretas, periféricas, de terreiro, indígenas, Lgbtqapn+, por exemplo, que por décadas foram retratadas de maneira caricata e estereotipada nas telas da TV, puderam ser criadas e conduzidas de maneiras diferentes, o que atribui legitimidade e possibilidades de identificação de outras pessoas, por décadas sub-representadas.

Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança (Santos, p. 21, 2021).

3.1. Podcasts – Uma linguagem alternativa para dispersão dos conhecimentos

O gênero de Podcast pode ser definido, de acordo com o Manual Antirracista da Alma Preta Jornalismo como um:

Programa de rádio que pode ser ouvido pela internet, celular, computador ou qualquer outro dispositivo de reprodução de áudio. Herdeiro do formato radiofônico, trata dos mais variados conteúdos, com diferentes durações de tempo. O desenvolvimento de podcasts por veículos de comunicação permite que se produza conteúdo nos mais diversos canais, atingindo grupos e públicos múltiplos (Alma Preta Jornalismo, p. 119, 2023).

Para Lenharo e Cristóvão (2016), o gênero midiático ainda não possui uma definição exata.

[...] o próprio termo *podcast* pode causar certo estranhamento naqueles que mantêm pouco contato com o meio digital. A origem da palavra não possui uma base definida, segundo Medeiros (2006), porém, a versão mais divulgada e aceita pelos autores (SOUZA; MARTINS, 2007; MOURA; CARVALHO, 2006) é a que considera *podcast* como derivado da junção de dois termos: *broadcasting* (radiodifusão) e *iPod*, dispositivo de áudio da marca Apple que executa arquivos de áudio no formato MP3. Em linhas gerais, o *podcast* é um arquivo de áudio disponibilizado na internet para download gratuito por qualquer usuário da rede. Suas funções são variadas, desde o entretenimento e a divulgação de informações até o seu uso para fins educacionais. De acordo com Medeiros (2006), o primeiro *podcast* foi produzido em 2004 por Adam Curry, na época conhecido apenas como apresentador do canal de televisão MTV, mas que, posteriormente, foi alcunhado como *podfather* (pai do *podcast*). A princípio, o *podcast* foi um fenômeno somente nos Estados Unidos, mas não tardou a se espalhar rapidamente pelo mundo todo, gerando a elaboração de *podcasts* produzidos em diversas línguas (Godwin-Jones, 2005).

Desenvolvido em Estocolmo na Suécia e lançado em outubro de 2008, o Spotify chegou oficialmente no Brasil em 2014 e nos 10 anos de serviço, a plataforma de streaming ultrapassou 770 bilhões de reproduções. A empresa fundada por Daniel EK e Martin Lorentzon, é a plataforma de streaming mais utilizada no mundo, onde é possível acessar conteúdos de podcasts, músicas e vídeos. O streaming é uma modalidade de distribuição digital multimídia através da internet, as informações não são armazenadas no aparelho do usuário, ficam armazenadas em servidores com

enorme capacidade de armazenamento de dados, conectados à internet com alta velocidade, o que permite a transmissão de conteúdos para longas distâncias em todo o mundo. A palavra “stream” significa corrente, nesse caso de água, o streaming vem dessa analogia, um rio que leva a água (dados) do servidor (nascente) até os equipamentos dos usuários sem interrupções (MJC Music).

Com versão gratuita e paga, o Spotify se diferencia pelo conteúdo personalizado oferecido aos usuários, que podem criar suas próprias playlists e acessar uma retrospectiva anual com uma lista dos conteúdos mais acessados, disponível no aplicativo, mas também divulgadas nas redes sociais, onde a marca é muito presente.



Fonte: Aplicativo Spotify

Os conteúdos são *on demand* (sob demanda), podendo ser acessados sem ordem cronológica e a qualquer momento, havendo boa conexão com a internet. Diariamente as Paradas de Podcasts são listas atualizadas com os conteúdos mais acessados na plataforma, Top Podcasts Brasil, Top Episódios, Top Podcasts de religião e espiritualidade e Top Podcasts de educação são alguns exemplos de rankings.



Fonte: Aplicativo Spotify

Após pesquisa na plataforma, especificamente na Parada Podcasts de religião e espiritualidade com os 50 primeiros colocados da categoria em maio de 2024, foi possível observar que a presença de podcasts de religiosidades de matrizes africanas é quase inexistente no ranking de conteúdos mais acessados. Na semana de análise da Parada, a temática de matriz africana apareceu apenas nos podcasts “Falando em Umbanda” com Henrique de Oxóssi, ocupando a posição 45 da lista e “Atina Pra isso!” com David Dias na posição 48, também falando sobre umbanda. Não havia nenhum podcast com a temática do candomblé, religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar às novas condições ambientais, segundo Kileuy Odé e Vera de Oxaguiá (2021). Os demais 48 conteúdos se dividiam entre os segmentos católico, protestante, budista, espírita, além de meditação e autoconhecimento com leituras da bíblia.



Fonte: Aplicativo Spotify

O dossiê Religião, democracia e a extrema direita com coautoria do Instituto de Estudos da Religião (ISER) e Fundação Heinrich Böll elucidada que:

Em uma perspectiva comparada, o Brasil, diferente de outros países da América Latina, possui uma mídia religiosa – católica e evangélica – consolidada há muitos anos e com grande poder político e econômico. O Monitoramento da Propriedade da Mídia (MOM-Brasil) mostra que nove dos 50 veículos de maior audiência no país (considerando TV, rádio, mídia impressa e mídia digital) estão nas mãos de igrejas e lideranças religiosas. Entre elas o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, é dono do Grupo Record, e os apóstolos Estevam e Sônia Hernandes, da Igreja Renascer em Cristo, são donos da Rede Gospel de TV. Entre as mídias católicas, aparecem a Rede Vida de TV, do Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã e a Rede Católica de Rádio, uma associação de sete redes de rádio, entre elas a Rede Aparecida e Canção Nova (ISER, P. 53, 2023).

Os podcasts são uma linguagem alternativa para a dispersão dos conhecimentos e saberes, porém como todos os outros aspectos da comunicação na sociedade contemporânea, são influenciados pelo racismo estrutural e seus desdobramentos, no caso dos povos tradicionais de religiosidades de matrizes africanas, a questão é o racismo religioso, a partir da repressão da fé, como dito no livro Exú, cabaça e a prosperidade, organizado pela Iyá Adriana de Nanã:

O racismo religioso é uma forma de discriminação que demoniza e inferioriza todo credo, culto ou religião que tenha matriz africana. O conceito vem sendo muito utilizado em substituição ao termo intolerância religiosa, pois, este último não dá conta do histórico de racismo sofrido pelas religiões pretas. Além de todo o peso de negação da liberdade aos corpos e mentes de nossos antepassados e do acesso a essa terra, nomeada Brasil pelos coloozadores, a desumanização perpetrada pelos comerciantes, senhores de engenho e pela aristocracia colonial passava pela negação da cultura e da espiritualidade das populações originárias e daquelas vindas de África com ricas e diversas formas de culto de suas divindades (Naná, p. 29, 2023).

Preservar a oralidade enquanto tecnologia ancestral que se vale da palavra como ferramenta de passagem de saberes e encantamentos é um desafio em meio à tecnologia digital, o imediatismo e as opressões. A arte da escuta ativa e da fala assertiva a partir dos ensinamentos intergeracionais passadas dos mais velhos aos mais novos, sobretudo nas comunidades negras e de povos originários, é a materialização da encruzilhada, permeada pelos atravessamentos de se estar neste tempo e espaço. Entendendo as particularidades e a violência das tentativas sistêmicas de invisibilização, porém buscando possibilidades de ressignificar e coexistir no mundo de forma a garantir o direito à vida, à dignidade humana, ao bem-viver, à fé e ancestralidade.

O contexto nas redes sociais vai na contramão do processo comunicacional mencionado? É possível aliar os processos?

“A conexão está evoluindo e nós também”, “é o seu mundo, conecte-se com pessoas e interesses através das tecnologias Meta para ajuda-lo a tornar o seu mundo seu”, algumas das frases no site da Meta, empresa que agrupa as grandes mídias digitais do momento como suas tecnologias rumo a evolução da tecnologia social. Facebook, Messenger, Instagram, WhatsApp, Metaverso, inteligência artificial (IA), realidade virtual e aumentada, todas essas possibilidades de conexão em apenas uma empresa monopólio, que constantemente dissemina que as tecnologias oferecidas conectam pessoas no mundo todo, criando oportunidades e dando voz de forma inclusiva e segura. Para quem é o discurso? Aos usuários de internet que ativamente produzem e consomem de forma fluída o conteúdo informacional ou às pessoas que apenas consomem de forma passiva?

A máquina ideológica que sustenta as ações preponderantes da atualidade é feita de peças que se alimentam mutuamente e põem em movimento os elementos essenciais a continuidade do sistema. [...] Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias

realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global, é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são profundas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado (Santos, p. 18, 2001).

4. Mídias, Concentração de Conhecimento e Estado de Maafa

Foram muitos os processos emancipatórios de mentes e corpos, incessantemente protagonizados por povos pretos ao longo da história na pós pseudo abolição do Brasil, expostos à travessia em diáspora forçada. Tal diáspora alheia à vontade dos pluri povos africanos, recebe o nome de Maafa ou Estado de Maafa.

Entende-se por Maafa o infortúnio coletivo da população negra. Este processo multitemporal tem início com a invasão ao continente africano para fins de dominação e exploração, inicialmente pelos árabes no século X e depois pelos europeus no século XIV e XV, desdobrando-se e refinando-se até o século XXI, nos dias atuais.

Maafa é, desta maneira, o processo de sequestro e cárcere físico e mental da população negra africana, além do surgimento forçado da afrodiáspora. Este termo foi cunhado por Marimba Ani (1994), e corresponde, em Swahili, à “grande tragédia”, à ocorrência terrível, ao infortúnio de morte, que identifica os 500 anos de sofrimento de pessoas de herança africana através da escravidão, imperialismo, colonialismo, apartheid, estupro, opressão, invasões e exploração. É o genocídio histórico e contemporâneo global contra a saúde física e mental dos povos africanos, afetando-os em todas as áreas de suas vidas: espiritualidade, herança, tradição, cultura, agência, autodeterminação, casamento, identidade, ritos de passagem, economia, política, educação, arte, moral e ética. Desta forma, os africanos sofrem o trauma histórico da sua desumanização (...) o genocídio (Njeri, p. 7, 2019).

A antropóloga e intelectual afro-americana Marimba Ani cunhou o termo Maafa em sua pesquisa de doutorado em sociologia para questionar o modelo civilizatório ocidental europeu, refletindo acerca da agência e da localização da população negra em um contexto norte-americano. Aza Njeri, mulher negra, afro-brasileira, doutora em literaturas africanas e pesquisadora da obra de Ani, traz as reflexões de Maafa para o contexto brasileiro, uma oportunidade de pensar a humanidade da população diaspórica afro-brasileira e não somente a africana continental e dos EUA. Njeri cunhou o termo “Estado de Maafa”, entendendo que todos os atravessamentos de infortúnio provenientes dos tentáculos de Maafa não respeitam cultura, fronteiras e

temporalidades, mantendo a população em uma condição, um estado em que não há plenitude de direitos, nem mesmo direito à humanidade e à vida, à mercê do Estado que fomenta o status quo e a intensificação da política de morte a grupos marginalizados. Frente os atravessamentos multitemporais e entendendo Maafa como um fenômeno de poder destrutivo, foi necessário desenvolver mecanismos de enfrentamento e continuidade, dentre eles o Aquilombamento. O quilombo nasce no ato da fuga do corpo escravizado que não se reconhece como propriedade do outro e busca sua liberdade.

A investigação sobre o quilombo se baseia em parte na questão do poder. Por mais que um sistema social domine, é possível que se crie aí dentro um sistema diferenciado. E é isso que o quilombo é, só que não há o estado de poder no sentido que a gente entende, poder político, poder de dominação. Ele não tem essa perspectiva. Cada indivíduo é o poder, cada indivíduo é o quilombo (Nascimento, 1989).

Aquilombar-se em comunidade, a exemplo dos povos de terreiro das religiões de matrizes africanas e através da oralidade compartilhar saberes dos ancestrais de África, foi uma ferramenta de organização e fortalecimento para ressignificar de novas formas o imaginário coletivo de desumanização e hostilização historicamente legitimados na sociedade brasileira.

A prática do aquilombamento é atravessada pelo princípio filosófico africano *Sankofa*, uma vez que diz respeito a acessar um legado fundado no início da experiência diaspórica, adaptá-lo às condições do presente e, com isso, criar a possibilidade de futuros pluriversais. Se “cada cabeça é um quilombo”, como anuncia Nascimento (1989), aquilombar-se é [...] o ato de assumir sua posição de resistência contra hegemônica a partir de um corpo político. (Souto, p. 13, 2020)

4.1. O Estado de Maafa

Em “Entre Fumaça e as cinzas: Estado de Maafa pela perspectiva Mulherismo Africana e a psicologia africana”, artigo de Aza Njeri em coautoria com a mestra em psicologia Dandara Aziza (2020), a metáfora do descarrilamento de Wade Nobles ilustra a quebra identitária que a travessia forçada em diáspora causou aos pluripovos africanos:

A metáfora do descarrilamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento,

proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa (Nobles, 2009 apud Njeri; Aziza, 2020).

Esse processo de experienciar a vida descarrilada de sua centralidade africana e ancorada nos atravessamentos ocidentais sistêmicos é o que Marimba Ani define como Maafa e Aza Njeri, em estudos do cenário brasileiro, complementa como Estado de Maafa ou infortúnio coletivo, uma série de episódios aos quais os povos pretos estão expostos diariamente e que transformam a experiência de existência humana.

O esvaziamento cultural do que é “ser africano” se deu nesse processo de travessia e dominação, atacando a condição humana em sua subjetividade, cosmovisão e princípios de que toda pessoa é dotada da energia vital divina – axé/ntu -, que a conecta como uma partícula do universo que é sagrado(Njeri; Aziza, 2020).

Entendendo tal partícula como conexão com o sagrado ancestral, na diáspora foi necessário fazer o movimento de Sankofa, olhar para o passado e projetar o futuro, buscando Valores Afro-Civilizatórios, termo cunhado em 2008 por Azoilda Loretto deTrindade.

Como afro-brasileiros trazemos a partir da memória, oralidade e tradição, valores humanos herdados das várias etnias e grupos sociais africanos sequestrados para cá por meio do processo de escravidão. Tais valores se ressignificam na realidade sócio-histórica brasileira e permanecem como caminhos éticos, morais, comportamentais e estéticos que nos levam ao eixo Sul-Sul com África (Njeri; Aziza, p. 61, 2020).

Em suas pesquisas no campo da educação, Azoilda relatou que os principais Valores Civilizatórios afro-brasileiros são: circularidade, religiosidade (espiritualidade), ancestralidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/ comunitarismo, memória, ludicidade, energia vital (axé/ntu), oralidade. Todos esses valores são colocados em prática coletivamente, no chão dos terreiros das religiosidades de matrizes africanas, o que traz aos ilês (casas de asé/terreiros) o caráter de espaços políticos, de continuidade e acolhida da comunidade para cuidado do corpo espiritual e físico.

A afrocentricidade como práxis no fazer acadêmico possibilita novos olhares a partir das filosofias e cosmologias africanas. A afrocentricidade é uma abordagem epistemológica de análise dos fenômenos que atravessam as populações negras, uma forma de compreender o mundo. Começou a ser discutida pelo Dr. Molefi Kete Asante ao final da década de 1970 e nasceu como uma alternativa estrutural de pensamento para compreensão do mundo no âmbito político, social, econômico e

cultural, por uma perspectiva que coloca o povo africano na centralidade, como protagonista.

Na contemporaneidade às mídias sociais foi atribuído o lugar de espaço de luta, reivindicação, denúncia, ao passo que também há fôlego para o empoderamento, reflexões sobre saúde mental, possibilidades de construção de novas realidades para públicos diversos. De maneira legítima ou não, a hiperconectividade trouxe novos traços comportamentais, a sensação de que só foi vivido o que foi postado nas redes e “a rede” é o termômetro, é a juíza, é quem consagra ou cancela e esse poder é perigoso.

Após a exposição nas redes em 2020 do vídeo de George Floyd, homem afro-americano de Minneapolis – EUA, sendo brutalmente assassinado por um policial branco, Derek Chauvin que pressionou o joelho contra o pescoço de Floyd que já estava imobilizado e indicando incessantemente que não conseguia respirar - temos dois cenários: após a morte de Floyd uma onda de protestos a nível mundial aconteceu, mesmo em meio à pandemia. #ICantBreathe #EuNãoPossoRespirar #BlackLivesMatter #VidasNegrasImportam, a morte de Floyd desencadeou comoção mundial. Segundo dados do site de empregos Indeed, no Brasil, 3 meses após a morte de Floyd, ofertas de emprego em Diversidade & Inclusão (D&I) subiram 123%, porém esse processo de reconhecimento da necessidade de equidade racial nas empresas durou menos de dois anos, o que coloca à prova a legitimidade do comprometimento das grandes empresas em serem diversas e a reflexão de que há a necessidade de ondas de assuntos quentes, apoiados em mazelas sociais que gerem boas hashtags e engajamento.

Fala-se, hoje, muito em violência e é geralmente admitido que é quase um estado, uma situação característica do nosso tempo. Todavia, dentre as violências de que se fala, a maior parte é sobretudo formada de violências funcionais derivadas, enquanto a atenção é menos voltada para o que preferimos chamar de violência estrutural, que está na base da produção das outras e constitui a violência central original. Por isso, acabamos por apenas condenar as violências periféricas particulares (Santos, 2001).

Para Marilene Geronimo, mestranda em serviço social, assistente social de formação e pesquisadora da memória, a memória é uma possibilidade viva de construir e reconstruir histórias, repertórios, práticas, espaços, locais e saberes. É o passado, o presente, o que fomos e ainda somos, por incorporarmos a partir do vivido (2021). Diante das tentativas de apagamento dos saberes ancestrais pretos frente o Estado de Maafa, é possível entender que o direito à memória é seletivo e deslegitimar

os saberes e culturas de grupos sub-representados é uma estratégia de extermínio subjetivo e físico que pode ter as tecnologias como aliadas.

A discriminação algorítmica ocorre quando existe distinção na abordagem de conteúdos digitais em razão de vieses assumidos pelos algoritmos (em razão da forma como seus códigos foram elaborados). Esse tipo de discriminação tem sido frequentemente atrelado à inteligência artificial, um ramo de pesquisa da ciência da computação que busca, por meio de mecanismos computacionais, a construção de máquinas capazes de executar tarefas que normalmente exigem inteligência humana, como a resolução de problemas cotidianos. [...] Uma vez instruídos por seus programadores/desenvolvedores com critérios de importância, os algoritmos de IA podem segregar ou evidenciar informações. As formas mais frequentes de discriminação algorítmica são o racismo e o sexismo; estudos apontam que isso se dá pelo fato da indústria da tecnologia ser composta, majoritariamente, por homens brancos, fazendo com que os critérios de importância com os quais os algoritmos são produzidos assumam, muitas vezes, premissas sexistas e racistas para classificar informações no mundo digital (LAUT, p. 18, 2022).

O monopólio de poucas empresas mesmo no contexto de maior liberdade na produção de conteúdo, como o caso da Meta, reforça o Pacto Narcísico da Branquitude:

Conceito criado por Maria Aparecida Silva Bento (Cida Bento), em sua tese de doutorado. O Pacto Narcísico da Branquitude se refere à identificação e fortalecimento dos laços das pessoas brancas entre si, ao mesmo tempo que elas ignoram a humanidade de pessoas pretas. Tal ação se reflete em todos os ambientes e amplia a manutenção do privilégio branco na ocupação de posições estratégicas na sociedade (Alma Preta Jornalismo, p. 173, 2023).

5. O Método de Pesquisa

A proposta de direcionamento metodológico está pautada na pesquisa documental de livros e conteúdos audiovisuais. A bibliografia é afroreferenciada, trazendo a urgência de se voltar para dentro e fazer o movimento de Sankofa, partindo das pessoas negras mais velhas, mais novas e iguais, compartilhadoras de conhecimentos a partir da vivência dentro e fora da academia. Marimba Ani, Aza Njeri, Milton Santos, Beatriz Nascimento, Cida Bento, Dandara Aziza, Marilene Gerônimo, Iya Marisa de Oyá, Iya Adriana de Nanã, griôs em seu espaço tempo, deixando sementes generosas de sabedoria em confluência com as ideias desenvolvidas ao longo do artigo. Além dos livros e artigos, as fontes documentais serão também a análise das transcrições de áudios, em especial os episódios de; “Podcast com Vovó Cici – Memórias da Cultura Afrodiaspórica da Bahia”, e os conceitos e reflexões

compartilhados no “BiomaCast Comunicação Ancestral” e “CabaçaCast’. Os episódios foram ouvidos pelo Spotify e/ou assistidos pelo YouTube e transcritos via plataforma Transkriptor e legendas automáticas do YouTube.

Os principais dados a obtidos foram as reflexões de Vovó Cici acerca da importância da oralidade para a resistência dos povos negros em diáspora, sobretudo os povos de terreiro aquilombados em suas egbés e como ter conhecimento sobre sua história é uma possibilidade de projeção de novos futuros possíveis para esses pluri povos. As falas de Juliana Gonçalves do BiomaCast sobre o conceito de Comunicação Ancestral e sua aplicabilidade na contemporaneidade e as possibilidades de economia solidária de terreiro e aquilombamento como espólio de Maafa, nas palavras das Iyas Marisa de Oyá e Adriana de Nanã. As transcrições automáticas do YouTube (plataforma em que o podcast também está disponível) serão utilizadas como base para essa análise e a plataforma Transkriptor também foi utilizada para gerar documentos em formato word com as discussões e reflexões dos podcasts. Além dos podcasts, os documentários Orí (1989) de Raquel Gerber e sua construção acerca da obra de Beatriz Nascimento e a ideia de quilombo, “Por uma outra globalização” (2006) de Silvio Tendler e entrevistas com Milton Santos foram fontes de sabedorias e reflexões.

Evidenciar essas falas é uma forma de enfrentamento ao epistemicídio e de impulsionamento dessas narrativas decoloniais, além de trazer outras formas de mergulho em saberes a partir da oralidade e suas possibilidades de registro histórico.

5.1. Os podcasts na trincheira contra o Racismo

Entender as possibilidades de enfrentamento ao racismo, enquanto desdobramento do Estado de Maafa é fundamental para desenvolver estratégias de continuidade. Dentro de tal contexto de infortúnio e desafios coletivos, se voltar para os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros que Azoilda Trindade traz é uma percepção de possibilidades de caminhos diferentes dos ocidentais diante da encruzilhada da comunicação no mundo globalizado.

O registro da memória dos povos historicamente marginalizados e sub-representados, sobretudo dos povos de terreiro é uma ferramenta de Espólio de Maafa, conceito cunhado por Aza Njeri para falar sobre a importância de acender o sol interior dos pluripovos pretos em diáspora e suas comunidades, a partir da filosofia

Bacongo: Os Bacongos são um povo que pertence ao Reino do Congo, da região Congo-Angola [...] mas no momento pré-Maafa, pré-escravidão, o momento pré-desumanização, estavam compondo o que a gente chama de Reinos Congos [...] são vários grupos dentro do Reino do Congo que foram também sequestrados e encaminhados para o Brasil durante o processo de escravidão e Maafa. [...] Esse grupo Bacongo tem uma forma ética de ser e estar no mundo e fazem parte dos povos bantu – os bantus são um conjunto etnolinguístico, composto por mais de duas mil etnias em África [...] Eles vão confluir com os povos originários da América e formar um dos tripés basilares do chamado Brasil (Njeri, 2021).

O entendimento e o respeito à natureza e à partícula de vida em tudo e em todos os seres é muito perceptível na filosofia Bacongo e em valores, por exemplo, na capoeira e no candomblé de nação Angola.

Estar vivo é o mais importante na lógica da filosofia Bacongo, a energia vital de Axé (para os yorubás) e *Ntu* (para os bantu) se materializa com a conexão entre os seres que são, cada um, um sol vivo, tendo como responsabilidade ancestral acender seu próprio sol e de sua comunidade. Em seu canal no YouTube, Njeri explica mais sobre a filosofia Bacongo:

Muntu – *mu* é o prefixo de singularidade da energia vital e *ntu* é a energia que há em tudo. Então, *muntu* é a energia de *ntu* no indivíduo, o ser humano, a gente traduziria para ser humano. Diferente de *bantu* [...] *ba* em *ntu*, *ba* é o plural, não é mais o indivíduo, é a coletividade e *ntu* a energia vital que há em tudo. Então, *bantu* são povos, é o coletivo que tem a energia de *ntu*. [...] É muito interessante, por que *ntu*. Essa energia está dentro de palavras como *ubuntu*, eu sou porque nós somos (Njeri, 2021)

Os podcasts também podem ser uma ferramenta tecnológica contemporânea para reflexão, discussão, registro da memória de povos historicamente marginalizados e com seus saberes sub-representados, mas em perspectiva Bacongo, é uma ferramenta de manutenção da vida, de acendimento do sol de cada ser, trazendo possibilidades de autopercepção, autoestima e continuidade para os indivíduos e suas comunidades, de terreiro ou não.

É complexo trazer termos em línguas às quais a maior parte da população não está familiarizada. Embora grande parte da população no Brasil não fale inglês, o processo de europeização inseriu termos nessa língua de forma orgânica no dia a dia (*hot dog*, *home office*, dentre outros termos), e com esse processo, trazer palavras com fonéticas com as quais não há familiaridade, por exemplo de etnias pretas do

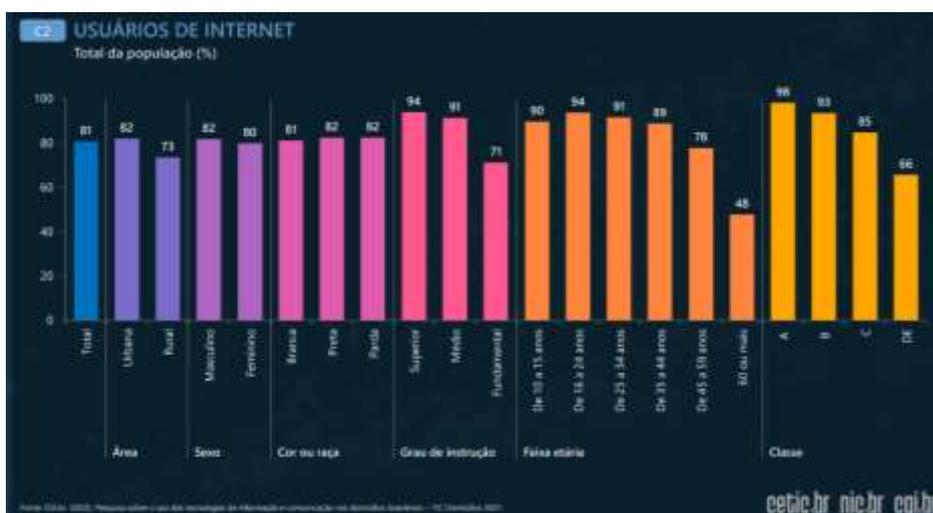
continente Mãe, se torna um processo mais complexo e distante, mesmo que o Brasil seja culturalmente mais próximo dos países africanos.

No período pandêmico e de isolamento social os podcasts ganharam força e os acessos cresceram consideravelmente, tendo crescimento recorde em 2020.

Durante a pandemia da Covid-19, doença respiratória aguda grave, causada pela variante de coronavírus, a população preta e parda viveu um estado de extrema vulnerabilidade. Grande parte das pessoas não teve a possibilidade de #FicarEmCasa, como o apelo feito na televisão e nas redes sociais. Segundo levantamento da ONG Instituto Polis em São Paulo entre março e julho de 2020, homens negros morreram mais, 250 óbitos de Covid-19 a cada 100 mil habitantes contra 157 mortes a cada 100 mil dos homens brancos.

Cruzando o contexto pandêmico com a questão de gênero e quilombola, a TIC Domicílios 2021 elucidou que:

A pandemia COVID-19 reverberou a desigualdade social que no Brasil intersecciona pertencimento étnico-racial, classe, gênero e território (Gomes, 2020; Lopes et al., 2022; Sodré, 2020). No campo do acesso às tecnologias da informa o e comunica o (TIC) não tem sido diferente. A histórica exclusão digital recai na popula o rural, a menos conectada, e nas mulheres negras (pretas e pardas). E quando esses grupos acessam a Internet há uma diferença na qualifica o da conexão. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2020, entre os usuários das áreas rurais, 84% se conectavam   Internet exclusivamente pelo celular, enquanto entre os das áreas urbanas, 54% o faziam. O celular também foi o único meio de conexão   Internet para 67% das mulheres negras em compara o a 42% entre homens brancos (Comitê Gestor da Internet no Brasil [CGI.br], 2021).



Fonte: Pesquisa Tic Domicílios 2021 (Cetic.br)

Ainda segundo a edição 2021, ouvir podcast foi a atividade cultural investigada que mais cresceu na pandemia, alcançando 28% dos usuários [...] um aumento de 15 pontos percentuais em relação a 2019. Isso equivale a uma estimativa de 23 milhões de indivíduos a mais do que em 2019.

Com temas urgentes e necessários para a manutenção da vida, das lutas e enfrentamentos do movimento negro por continuidade, os podcasts criados por e para pessoas pretas e com temáticas que as contemplam abriram espaço em meio às redes sociais e plataformas gerenciadas pela branquitude. Temas como as religiosidades de matrizes africanas, comunicação como tecnologia ancestral de continuidade, afetos, sexualidade, autoestima e corporeidades, questão lgbtqiapn+, saúde mental da população negra, maternagem e parentalidade, genocídio da juventude negra, guerra às drogas, encarceramento em massa, política de morte física e simbólica dos corpos e subjetividades, tentativas de apagamento de saberes e intelectualidades dos povos tradicionais e originários são tratados com legitimidade e diversidade.

Podcasts como: Mano a mano apresentado por Mano Brown e Semayat Oliveira, Não inviabilize com Déia Freitas, Conversa de portão do Nós, Mulheres da periferia, Papo Preto da Alma Preta Jornalismo, Afetos Podcast com Gabi Oliveira e participação de pessoas pretas convidadas, Angu de Grilo com Flávia Oliveira e Isabela Reis (mãe e filha), Afrikafé com Janamô e Katiúscia Ribeiro, É de Nanã com Iya Adriana de Nanã, Ogunhê Podcast, Ponta de Lança Podcast, Ekodidé Podcast, Deixa que eu conto, Podcast da Vovó Cici – Memórias da cultura afrodiáspórica, CabaçaCast com Iya Marisa, Adriana de Nanã, Shirley de Ossain, BiomaCast com Cris Gutierrez e pessoas convidadas. A lista é extensa, temáticas diversas que contemplam a pluralidade do povo preto, de seus interesses e vivências, para além das mazelas, mas tratando também de possibilidades e potencialidades.

6. Podcast da Vovó Cici – Memórias da Cultura Afrodiáspórica

Nancy de Souza e Silva, mulher negra de 84 anos, mestra griô, herbolaria – conhecedora das propriedades medicinais e ancestrais das plantas e dos encantamentos através da voz que despertam suas propriedades mágicas - contadora de histórias, pesquisadora no Espaço Cultural Pierre Verger tem muitos caminhos de resistência e continuidade que se entrecruzam em seus 82 anos de idade, mais de

oito décadas que a transformaram na Vovó Cici. Em 1972 se iniciou em Osàála no Terreiro Ilê Axé Opô Aganjú, onde atualmente é Egbomi. Com 50 anos de iniciada no candomblé, Cici é hoje uma das grandes matriarcas e patrimônio vivo, mestra em usar a oralidade como fonte de saber, ciclicidade e continuidade para resistir ao apagamento proveniente da escravização de seu povo. Foi assistente do fotógrafo e etnólogo Babalawô Pierre Fatumbi Verger e até os dias atuais trabalha como pesquisadora e contadora de histórias no Espaço Cultural Pierre Verger. Em sua simplicidade, ela se apresenta da seguinte forma em entrevista ao Brasil de fato:

Eu sou a Vovó Cici, aqui do Espaço Cultural Pierre Verger. Sou contadora de histórias da cultura afro-brasileira, nascida no Rio de Janeiro. Há poucos dias recebi o título de cidadã soteropolitana. Nasci no Rio, no bairro da Tijuca, mas eu já vivo aqui na Bahia há cinquenta anos, o tempo que eu vim fazer meu orixá. Então eu tenho 82 anos, mas 4 no Rio eu vivi só até os 32. Então a maior parte da minha vida é aqui na Bahia. Onde eu me encontrei de toda forma, como ser humano, foi aqui que eu me encontrei e essa cidade cheia de magia, que até então só via cantar, só via na literatura e hoje eu posso sentir o que realmente eles contaram, eles falaram de suas andanças por aqui, os brasileiros e os estrangeiros. Então eu me considero apenas uma simples contadora de história e que sou aberta para todos os públicos, respeito todas as religiões, para que a minha seja respeitada, sou uma pessoa ecumênica. Estou aqui só de passagem, mas pretendo desfilhar na vida (Cici, 2022).



Muito além de contar histórias, itãs e contos, Vovó Cici explica as línguas, a tradição oral, as músicas, as rezas, partilha com sabedoria o que conhece sobre as matrizes africanas. As tradições orais registram memórias vivenciais, afetivas, motoras, cognitivas, refletir a oralidade como fator fundamental para a reumanização dos povos pretos, a partir do compartilhamento de memórias e experiências,

ressignificando através da palavra a identidade individual e coletiva desses povos. O podcast é um projeto contemplado pela Lei Aldir Blanc e conta com 4 episódios: O culto aos Ancestrais na Bahia, O culto de Ifá na Bahia, Vovó Cici e seu pai Fatumbi - Pierre Verger e A viagem de Vovó Cici ao Benin - conexões Benin-Bahia. Essa sabedoria ancestral de continuidade passada através do ofó (encantamento através da palavra) e da corporeidade, entendendo o corpo como o quilombo e berço da memória, receptáculo do asé ancestral, possui valores civilizatórios passados desde a primeira morada de cada ser, o ventre, berço da potência sagrada do feminino.

Registrar os saberes de Vovó Cici em um podcast conecta a oralidade (tecnologia ancestral) às tecnologias digitais, novamente ressaltando a magia e o encantamento que a criatividade negra possui, o poder de expansão da imaginação e das sensibilidades afrodiaspóricas e a potência na abertura de caminhos e novas perspectivas de continuidade e futuros possíveis.

Cabaçacast



É um podcast que tem por finalidade ser um prestador de serviço do Projeto Cabaça: Comunidades de Matriz Africana e Economia Solidária de Terreiro. Um podcast nada mais é que um programa de rádio distribuído para celulares e computadores. Tornou-se a ferramenta usada por nós para resguardar a tradição oral africana e, ao mesmo tempo, nos apropriarmos do fino da tecnologia ao nosso favor. No Cabaçacast, por aproximadamente uma hora, diversas vozes conversam sobre um modelo econômico mais próximo da realidade da maioria das pessoas; um modelo econômico que envolva a produção do comum e o compartilhar como sinalizador de prosperidade. A ideia é que quem esteja no ônibus, no trem, na lotação, entre um áudio e outro, receba um conteúdo que alimente e que faça sentido, que fale sobre as heranças negroafricanas que nos mantêm de pé até os dias de hoje. O Projeto de nossa quitanda de saberes que discute e divulga assuntos centrais do povo de axé é composta – inicialmente – por seis programas mensais,

distribuídos de maneira gratuita através das principais plataformas digitais (Naná, p. 63, 2023)

O Projeto Cabaça surgiu em 2020, realizado durante o curso de Extensão Cultural da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Zona Leste, intitulado “EcoSol de Terreiro: economia solidária em terreiros de matriz africana” e é composto por membros da comunidade de asé, Yalorixás, Ogans, pessoas iniciadas por sacerdotisas/ ialorixás, ogans, pessoas iniciadas, que se reuniram virtualmente durante a pandemia para planejamento coletivo do Cabaçacast, pensando nos eixos temáticos sobre o racismo religioso e intolerância religiosa, matripotência; culinária e tecnologias econômicas de mulheres; as ialodês e a história do candomblé no Brasil, dentre outros. O projeto conta com mais de 25 pessoas e vem se desdobrando em diversas ações de acolhida e potencialização dos povos de asé, porém trazendo discussões pertinentes para toda a sociedade.

O nome do projeto foi escolhido por Iya Marisa de Oyá e também das poesias de Eizandra Souza, “Águas da cabaça” (2012). Para Iya Marisa: Cabaça é útero. O começo da vida. Todos os segredos estão dentro da cabaça.(OYÁ, Iya Marisa de, 2020)

BiomaCast



A partir da metodologia própria de Comunicação Ancestral a Bioma Comunicação Ancestral, um ecossistema para comunicadores negros, indígenas e LGBTQIAP+ criou o podcast BiomaCast.

Comunicar de forma ancestral é valorizar os saberes por meio de uma metodologia que tem como objetivo mudar completamente a dinâmica do mercado de Comunicação atualmente, trazendo à tona e dando destaque à oralidade, às territorialidades e conexões humanas (Bioma Comunicação Ancestral. Afinal, o que é comunicação ancestral? 08 abr. 2024. Instagram: @biomacomunicacaoancestral. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5gFsAVMkRM/?igsh=MWx4MGI6YXZIYnk3bA>. Acesso em 02 de fevereiro de 2024.

Com financiamento da Fundação Ford e a host Cris Gutierrez, o podcast traz de forma leve conversas sobre a arte da boa conversa, as habilidades de um bom comunicador ancestral, corporeidade e comunicação, estratégias para uma comunicação institucional efetiva e a preservação da memória através da comunicação. A primeira temporada conta com 8 episódios com duração média de 1h. Com presença marcante nas redes sociais, a Bioma promove os Diálogos Ancestrais, um espaço para conexão e aprendizado compartilhado, a partir de saberes ancestrais e de territórios plurais.

Os três podcasts se encontram no cruzamento do conceito da comunicação ancestral que para Juliana Gonçalves, gerente da Bioma Comunicação Ancestral é:

A comunicação ancestral tem tudo a ver com uma boa conversa, pensando uma relação de ganha – ganha, uma narrativa de abundância que infelizmente não é uma narrativa tão presente pra pessoas negras, LGBT's, periféricos, então, a comunicação ancestral é um conceito/prática e é interessante chamar dessa forma e não fechar no conceito, por que na verdade surge a partir da observação e da prática dessa comunicação feita a partir não só de comunidades tradicionais mas desses corpos pretos, periféricos, LGBT's enquanto protagonistas da comunicação. Quando eu falo que uma boa conversa tem essa dimensão de legado, tem a ver com a comunicação ancestral, uma comunicação que de fato vai gerar impacto para além daquele momento (Biomacast. Comunicação ancestral: a arte da boa conversa. Entrevistada: Juliana Gonçalves. 27 de novembro de 2023)

Entender os podcasts como possibilidade de registro de uma memória por vezes invisibilizada e deslegitimada é pensar novas estratégias para existir frente os atravessamentos do estado de Maafa e seus desdobramentos sistêmicos (racismos diversos, encarceramento em massa, genocídio da população preta, nutricional, entre outros).

Os podcasts produzidos por pessoas pretas e de asé são uma ferramenta para registrar tais saberes e memórias, embora os dados de acesso ainda indiquem um acesso mais pautado nas classes A e B e pessoas brancas.

Com respeito e cautela o sagrado deve estar também nessas plataformas digitais, transpondo o espaço físico dos terreiros de religiosidades de matrizes africanas e discutindo o racismo religioso e como a espiritualidade preta busca promover a autonomia e o bem-viver.

Considerações Finais

Os saberes de povos negros e de terreiro são tradicionalmente compartilhados através da oralidade, tecnologia *Ancestral* que usa a palavra como ritual e encantamento de continuidade, passando de geração para geração como se cultuar o sagrado e promover o bem-viver em comunidade. Para além da religiosidade, fazer o movimento de Sankofa enquanto povo preto é observar a continuidade da caminhada iniciada pelos ancestrais, entendendo que mesmo em outro momento de espaço – tempo – agência, há continuidade e confluência, início, meio e início, como deixou como legado Nego Bispo.

O direito à memória está diretamente ligado ao direito de existir e ser uma referência de intelectualidade, no contexto brasileiro, ambos os lugares estão historicamente atrelados ao padrão branco, eurocêntrico, masculino e por vezes acadêmico, o que marginaliza e suprime a possibilidade de considerar a intelectualidade Ancestral preta matriarcal do chão de terreiro como também legítima e também produtora de conhecimento e sabedoria no contexto sócio - político - cultural. A experiência de ler, ouvir e ver os saberes Ancestrais via plataformas digitais onde são veiculados os podcasts não substitui a vivência presencial, os pés no chão e o Orí presente no espaço do solo sagrado e em meios sociais de interação, mas é uma possibilidade de aprendizado e além disso, de registro de saberes que são atacados de maneira voraz pela intolerância e racismo religiosos, fator que os põe em risco constante. Pensar ferramentas de resistência e continuidade pode abrir frestas e promover novos futuros possíveis em conjunto com a atuação corpo a corpo dos terreiros e o poder da palavra nas culturas tradicionais e espaços de acolhida, para além da religiosidade, mas acolhida enquanto coletividade preta.

Entender, constatar e experienciar os atravessamentos do estado de Maafa não impossibilita que novas globalizações, filosofias, vivências e experimentações

sejam projetadas. Entender o presente como resultado das construções do passado e o passado como movimento de resgate e ressignificação é caminhar com a ancestralidade. Entender como os sistemas funcionam e pensar em cosmovisões diferentes e afroreferenciadas é sabedoria dos mais velhos e semente de esperança aos mais novos. O terreiro é um espaço para culto das divindades a partir da espiritualidade, mas não só. É um espaço de reconhecimento entre os pares, amplitude de narrativas negras que foram impedidas de chegar a muitas pessoas negras, logo, para além de religiosidade, é um espaço político de retomada da autoestima, da autopercepção, pertencimento e alimento do corpo físico e espiritual.

Nessa construção, também se materializa a Tecnologia Social, que remete a uma proposta inovadora de desenvolvimento, considerando uma abordagem construtivista na participação coletiva do processo de organização, desenvolvimento [...] aliando saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico (MCTI, 2011).

Viver em comunidade, praticando a comunicação ancestral, a economia de terreiro que potencializa a comunidade, usar a palavra como escudo e abertura de caminhos, remontando às sociedades antigas pré-Maafa e registrar as experiências que emergem desse mergulho é construir criticamente junto a Milton Santos, Beatriz, Marimba Ani, Aza Njeri, Azoilda Trindade, Vovó Cici e tantas outras e outros griôs uma comunicação ancestral afetiva e efetiva, que acende o sol interior dos indivíduos e das comunidades.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KILEUY, Odé, OXAGUIÃ, Vera de. O candomblé bem explicado – nações Bantu, Iorubá e Fon. Editora Pallas, 2009.

NANÃ, Iya Adriana de, Exú, cabaça e a prosperidade – uma proposta de economia de terreiro. 2. ed. Projeto Cabaça, 2023.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento, 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

SANTOS, Milton, Por uma outra globalização – do pensamento único à Consciência Universal, 6. ed, Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Moderna, 2001.

.

Filmografia

Milton Santos, por uma outra globalização. Direção: Silvio Tendler (2006), Produção: RIOFILME e Caliban, 2006. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WLYZmfJXEDY>. Acesso em: 24 de abril de 2024

ORÍ. Direção e Produção: Raquel Gerber São Paulo. 1989. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63IUUD8qOgIM2wKVId4n/view>.

Acesso em: 14 de novembro de 2023.

Referências eletrônicas

HIPERCONNECTIVIDADE. Glossário Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC's, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fiocruz.

Disponível em : <https://www.tdics.epsiv.fiocruz.br/glossario/hiperconectividade>.

Acesso em : 05 de maio de 2024.

MACIEL, Marilene Gerônimo da Silva, Memórias de terreiro: fios que trançam e tecem o urbano. 2022. 29 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Cidades, Planejamento Urbano e Participação Popular) – Universidade Federal de São Paulo, Instituto das Cidades, São Paulo. Disponível em:

<https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/212a86a0-19e4-4075-bf53-82b84f3560c3/content>. Acesso em: 04 de setembro de 2023

NZERI, Asa e AZIZA, Dandara, Entre a fumaça e as cinzas: Estado de Maafa pela perspectiva mulherismo africana e a psicologia africana. Problemata Revista Internacional de Filosofia. v. 11, n. 2, 2020, p. 57-80. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/53729/30944>

Acesso em:12 de maio de 2024.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2021. Edição: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022. Disponível em:

https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/20221121125504/tic_domicilios_2021_livro_eletronico.pdf. Acesso em 05 de abril de 2024.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2022. Edição: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic_domicilios_2022_livro_eletronico.pdf. Acesso em 05 de abril de 2024

SILVA, Dávila Maria Feitosa da; FERREIRA, Rodolfo Gabriel Santana. O uso do podcast na disseminação de informações étnico-raciais, Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação. v. 5, n. esp., p. 109 – 117, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/463/409>. Acesso em 04 de abril de 2024.

Venturini, A. C.; Ansel, P.; Barreto, M.S.; Oliveira, Y.M.; Rosa, A. S. (2022). Vigilância & vigilantismo: conceitos, legislação brasileira e organizações atuantes. São Paulo. Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT) ISBN 978-65-980829-0-1

Podcasts

Podcast com Vovó Cici : Memórias da cultura afrodiaspórica. Locução de Vovó Cici e Babalawô Ifakundayó. Spotify, 11 de março de 2022. Disponível em : <https://open.spotify.com/episode/5z9jQ9v48eR5JUlyzgv2Hd?si=fVcHsmsRSmi0JDITJH0Eq>. Acesso em : 02 de fevereiro de 2024.

Biomacast : Bioma Comunicação Ancestral. Locução Cris Guterres, Spotify. 27 de novembro de 2023. Disponível em : <https://open.spotify.com/show/2dup4kNCiR4FoALgf98n1f?si=DOcSZalUTLaoOwiY0mMwQ>. Acesso em : 02 de fevereiro de 2024.